

DESLOCAMENTO E METAMORFOSE EM *BERKELEY EM BELLAGIO* E *LORDE*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Kim Amaral Bueno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul)

Abstract: Recurring topic in the modern fiction, the “travel” reverberates, in the contemporary, a kind of poetics of exile, as observed in the work of João Gilberto Noll. Important writer deceased in 2017, Noll published over thirty years several novels and short stories that have marginal characters, subjects who welcome displacement as a force of their existence. The corpus of this essay consists of the novels *Berkeley em Bellagio* (2002) and *Lorde* (2004). These works were written from the writer's actual experiences, that is, from two of his trips as an invited intellectual in universities in the United States and the United Kingdom, respectively. They are narratives whose protagonists depart from the periphery of the global system to its core, carrying not only epistemologies that confront the hegemonic systems of knowledge, but also with disparate sensibilities to see, to hear, to speak, to understand the other and oneself.

Keywords: João Gilberto Noll; *Berkeley em Bellagio*; *Lorde*; Travel; Otherness.

Resumo: Motivo recorrente na ficção moderna, a “viagem” reverbera, no contemporâneo, uma espécie de poética do desterro, como se verifica na obra de João Gilberto Noll. Importante autor falecido em março de 2017, Noll publicou ao longo das últimas três décadas uma série de romances e contos nos quais figuram personagens marginais, sujeitos que acolhem o trânsito e a deriva como tônicas de suas existências, problematizando constantemente as noções de pertencimento e de fronteira. O corpus de análise deste trabalho é constituído pelos romances *Berkeley em Bellagio* (2002) e *Lorde* (2004). Tais obras foram produzidas a partir de experiências do escritor advindas da realidade factual, isto é, de duas viagens suas como intelectual convidado por universidades nos Estados Unidos e na Inglaterra, respectivamente. São narrativas nas quais figuram narradores-protagonistas que partem da periferia do sistema global para o seu núcleo, carregando não apenas epistemologias

que se confrontam com os sistemas hegemônicos de conhecimento, mas também com sensibilidades díspares para ver, ouvir, falar, perceber o outro e a si mesmo.

Palavras-chave: João Gilberto Noll; *Berkeley em Bellagio*; *Lorde*; Viagem; Alteridade.

Introdução

Esta reflexão pretende ponderar sobre as possibilidades de sobrevivência da temática da viagem no contemporâneo, por meio de alguns símbolos emanados dessa tópica tão cara à tradição literária – a viagem como deslocamento, deambulação, errância – percorrendo dois romances de João Gilberto Noll: *Berkeley em Bellagio* e *Lorde*, publicados em 2002 e 2004, respectivamente. Neles, as ideias de identidade e pertencimento são fortemente *questionadas*, convergindo, de certo modo, para a problemática da viagem dentro da literatura universal.

Como sabemos, Noll é um escritor com uma vasta obra cujas primeiras publicações datam do começo dos anos de 1980. Nascido em Porto Alegre, em 1946, entre os seus treze livros, em sua maioria romances, destacam-se *Bandoleiros*, *Rastros de Verão* e *Hotel Atlântico* (romances fundamentais publicados entre os anos de 1985 e 1990); *Harmada*, ganhador do Prêmio Jabuti de 1994 (e que consta na lista dos cem livros essenciais brasileiros em qualquer gênero e em todas as épocas, organizada pela revista *Bravo!*); *Berkeley em Bellagio* (finalista do Prêmio Portugal Telecom de 2003) e *Lorde* (ganhador do Prêmio Jabuti de 2005); e, *Acenos e afagos* (finalista do Prêmio Portugal Telecom de 2009). Sua última publicação foi *Solidão Continental*, romance de 2012. O autor faleceu aos 70 anos, no final do mês de março de 2017, na cidade em que nascera e em que vivera discretamente em um pequeno apartamento próximo ao centro histórico. Seus livros já foram adaptados para o cinema e para o teatro, além de ganharem traduções em diversos idiomas e serem publicados na países latino-americanos, na Europa e nos Estados Unidos.

Os dois livros que abordamos, *Berkeley em Bellagio* e *Lorde*, têm em comum o fato de seus narradores/protagonistas serem escritores convidados a missões no exterior. Anônimos nas duas obras, são escritores que vivem à míngua no Brasil, com poucas vendas de suas obras, sem convites para palestras e eventos, mas que recebem o reconhecimento fora do país, semelhante ao que ocorrera com o próprio Noll. Bruno da Costa e Silva (2011), na introdução de sua dissertação de mestrado a respeito do

tema, faz uma síntese interessante das empreitadas desses protagonistas viajantes, demonstrando que elas, enquanto deslocamentos ao exterior (literal – geográfico –, pois as viagens são em direção a outros países), subvertem a essência da viagem clássica cuja tônica se calcava na formação – conhecimento e amadurecimento do sujeito viajante.

Essa subversão aponta para um deslocamento interior (metafórico) desse sujeito, uma vez que a constatação de que “o olhar do estrangeiro, em Noll, seria um olhar chapado, incapaz de extrair significações do espaço, bem como do outro, com o qual se defronta” (Costa e Silva, 2011:13) permite supor uma profunda dobra para dentro si, alocando os sentidos e as reverberações da alteridade no plano subjetivo, íntimo: os conflitos de um homem posto em ação dentro de uma realidade objetiva por meio de um corpo físico essencial no contato com o mundo e com os elementos que o compõem – sejam paisagens, obras de arte, catástrofes e mesmo outros homens. Nestas narrativas, eles nada mais são do que metonímias para esse sujeito que sofre mutações constantes em percursos internos de multiplicação e mutilação do próprio “eu”.

Dentro da ficção de Noll, percebemos uma profunda recusa a empreendimentos literários relacionados à coletividade com cores nacionais, ou à abordagem de temas históricos, locais, e até mesmo a negação de uma articulação linear do narrado, lançando-se a uma experiência universalizante na construção do texto, cujas personagens, certamente, poderiam ser situadas em indeterminadas regiões do mundo, visto que suas deambulações geográficas são, acima de tudo, reflexos de impulsos íntimos, instintivos, dos movimentos subjetivos operados na (in)consciência de cada um desses sujeitos. Errantes e à deriva, eles enfrentam processos constantes de dissolução e fragmentação de identidade.

Tais traços são comuns a todos os protagonistas do autor gaúcho. Com efeito, trata-se de figuras solitárias e desenraizadas, enfrentando processos acelerados de envelhecimento, submetidas a uma crise existencial que as leva a experimentar uma verdadeira errância, seja pela cidade ou por algum espaço não urbano, na tentativa, na maioria das vezes, inútil de se apegar a algo ou alguém. Esse seria o sujeito que transitaria de um livro a outro do autor, num fio que interliga todas as publicações de Noll, esteja esse protagonista transfigurado em mendigo, em vagabundo, em escritor

iniciante, em escritor veterano, em ator decadente, em diretor de teatro ou em fazendeiro.

Em *Berkeley em Bellagio* e *Lorde* os protagonistas são intelectuais mais velhos, homens maduros, e, ao mesmo tempo, aparentemente cansados. As empreitadas a que se lançam no estrangeiro em função das atividades que supostamente exercerão junto àquelas instituições que os convidam não os motivam do ponto de vista criativo – de certo modo, parecem nem serem muito claras para as próprias personagens. Paloma Vidal (2010), em artigo em que realiza uma leitura de ambos os romances sob o signo da performance, destaca a indefinição que há entre “personagem” e “escritor” nessas duas obras, o que, na sua percepção, intensifica o “efeito performático” que delas emana, materializado em dois sujeitos (os protagonistas dos dois romances) que se sentem “velhos”, e que, mesmo assim, “empreendem novas travessias” (2010: 306). Em *Berkeley em Bellagio*, o protagonista se desloca do Brasil à Califórnia, e de lá ao vilarejo de Bellagio, na Itália; em *Lorde*, ele sai de Porto Alegre em direção à Londres, encerrando a narrativa em Liverpool.

A viagem – “um dos arquétipos temáticos e simbólicos dentre os mais produtivos [...], oferece[ndo] à literatura uma de suas grandes matérias primas” (Krysinski, 2003: 22), desse modo, configura-se em João Gilberto Noll menos como um movimento roteirizado e consequente, ativo e de câmbios efetivos com a alteridade – como sugere Michel Onfray (2009) em sua *Teoria da Viagem* –, para se converter em um processo inesperado de decomposição e recomposição íntimas em que o “outro”, muito mais do que uma figura exógena a ser conhecida, é uma entidade que, em processo, subjaz ao “eu”, e necessita ser (re)conhecida.

1 *Berkeley em Bellagio e Lorde*

Wladimir Krysinski, mais uma vez em seu texto “Discurso de viagem e senso de autoridade” (2003), postula a ideia da viagem como um “operador cognitivo”. Segundo o autor canadense, “no espaço da modernidade, ela [a viagem] se tornou um operador cognitivo que produz sem cessar um efeito estimulador nas questões de anúncio à procura do saber” (2003: 23). Se, de fato, a viagem é um operador cognitivo (ou, “foi”, na modernidade –, supondo a sua ultrapassagem histórico-

temporal, um operador cognitivo), é-o/foi-o “enquanto dialético, simbólico das trocas semânticas entre a topologia variável das mudanças e das multiplicações dos signos que produz [e/ou que produziram] o viajante-narrador, para despertar alteridades [com as quais] ele se depara.” (2003: 23-24)

Diante desta “função” atrelada ao sentido da “viagem” dentro da modernidade (momento histórico, no texto teórico acima citado, sobretudo centrado num certo ápice localizado entre os últimos cinquenta anos do século XIX e os primeiros cinquenta anos do século XX), podemos nos questionar acerca da atualidade, ou não, da potência desta operação cognitiva no momento atual, período denominado por inúmeros teóricos como “pós-moderno”. Ou seja: podemos refletir sobre a imanência, ou não, desta função de “conhecimento” do outro atribuída à viagem – advinda, sobretudo, da estrutura tripartida da literatura definida por Roland Barthes (2013) como *mathésis*, *mimesis* e *semiosis* –, a partir dos dois romances de João Gilberto Noll, obras francamente fixadas pela crítica num ponto temporal pós-moderno.

Enquadrando Noll neste cenário temporal, Schølhammer afirma que ele

[...] cumpre uma trajetória que o identifica, inicialmente, como o intérprete mais original do sentimento pós-moderno de perda de sentido de referência. Sua narrativa se move sem um centro, não ancorada num narrador autoconsciente; seus personagens se encontram em processo de esvaziamento de projetos e de personalidade, em crise de identidade nacional, social e sexual, mas sempre à deriva e à procura de pequenas e perversas realizações do desejo. Acontecimentos violentos interrompem seus projetos de modo enigmático e deixam o corpo em estado de ferida e num arriscado percurso de vulnerabilidade e exposição. (2009: 32)

Assim, alguns aspectos sobre a produção do romancista gaúcho necessitam ser considerados a partir de um eixo de análise que pressupõe a tônica da viagem/dos deslocamentos como ponto motivador. Schølhammer chama a atenção para um dos aspectos essenciais do pós-moderno, qual seja, o da “perda de sentido de referências”. Tal perda parece-nos substancial para o contraponto à ideia de “conhecimento” atrelada ao sentimento da viagem moderna: o movimento, neste deslocamento pós-moderno, vem a ser não o de apreensão da realidade exterior (decantada no conhecimento de si mesmo), mas sim o de seu esvaziamento. Outra questão importante depreendida das rápidas constatações acima é da crise, ou a “das crises”, que não apenas afetam, mas de fato constituem, o sujeito pós-moderno. As

identidades, antes mais estáveis e ancoradas em referências sólidas, tais como as de nacionalidade, família e sexo, são agora diluídas em possibilidades existenciais caleidoscópicas: à deriva – portanto sempre vulnerável –, o homem segue certo percurso a esmo, centrado em sua (em nossa) eterna dúvida.

No romance *Berkeley em Bellagio*, o deslocamento do protagonista começa na Universidade de Berkeley, na Califórnia, seguindo com a sua ida para a sede de uma fundação norte-americana no vilarejo italiano de Bellagio, e é concluído com o seu retorno à cidade natal, Porto Alegre. Já no romance *Lorde*, o destino do protagonista é a Inglaterra: primeiro, aportando em Londres; e, já na parte final da narrativa, dirigindo-se para Liverpool, cidade na qual o livro se encerra, sem haver retorno à cidade original, Porto Alegre. Ou seja, o que observamos são viagens realizadas a partir de motivações, do ponto de vista do enredo, semelhantes, mas com desdobramentos distintos para seus protagonistas.

Um importante ponto em comum, depreendido destas duas viagens, é aquele relacionado às ideias de “estrangeiro” e de “alteridade”, com as quais as narrativas dialogam. Os protagonistas não se deslocam de seu país de origem para desbravar, explorar ou captar possíveis particularidades das terras desconhecidas a partir de um olhar de quem vem de fora (exotópico). Notamos que o estrangeiro-viajante, nestes casos, não se apresenta como o “ser em aberto” para o novo mundo que se descortina, a partir desses deslocamentos, a partir da inserção em novas objetividades, sejam elas sociais, culturais, geográficas, estéticas e/ou econômicas.

Se, por um lado, estes protagonistas/narradores/estrangeiros/viajantes não convivem com a alteridade com o objetivo de extrair dela aprendizagem, por outro também não impõem suas identidades ou suas visões de mundo àqueles que lhes são estranhos. Estes sujeitos,

sempre em movimento, perambulando numa geografia incerta, [simbolizam o próprio] o movimento narrativo de Noll [, qual seja, uma] viagem numa paisagem obtusa em que fronteiras são abolidas, e dimensões temporais e espaciais são questionadas por trajetos errantes que cruzam um território sem claras definições, produzindo movimento hesitante em direção à Porto Alegre, a cidade que [...] simboliza a origem, o lar e a identidade que nunca serão retomados. (Schølhammer, 2009: 32)

Essa certa apatia, esse certo desinteresse em relação ao outro, acaba por embaralhar as cartas desse “jogo” da identidade, fazendo com que as fronteiras que

existiriam entre o “eu” e o “outro” tornam-se cada vez mais difusas. A figura do “estrangeiro” presentes em *Berkeley em Bellagio* e *Lorde* não aparece de modo obrigatório em oposição ao sujeito nativo. Identidade e alteridade já não são vistas necessariamente como instâncias antagônicas, uma vez que elas se interpenetram, passando a coexistir dentro da mesma esfera. Para os protagonistas destes dois romances, o encontro com o Outro (com os elementos externos da cultura estrangeira com os quais entram em contato) parece menos essencial e menos mobilizador das suas energias em torno de uma possibilidade de absorção do que a possibilidade de se confrontar consigo mesmo. É diante destas circunstâncias que recordamos alguns pontos da ideia de “estrangeiro para si mesmo”, tal como preconiza Julia Kristeva (1994). Para a autora, o estrangeiro “não pertence a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada.” (1994: 15)

Tais constatações parecem produzir um ponto de chegada para se refletir sobre a ideia de “exotopia” desenvolvida por Kryszewski, isto é, “o lugar de olhar sobre a alteridade” (2003: 27). Esse conceito, cuja definição gira em torno de uma certa “posição cognitiva que permite conhecer o Outro, ao menos exteriormente através das constantes da humanidade como uma religião, a língua, o amor, o comportamento corporal [...]” (id.ibid.), é desativada nas obras de João Gilberto Noll. A suas viagens não adotam nenhuma função libertadora, pedagógica ou edificante. Nelas, progressão, conflito e resolução tornam-se categorias inoperantes. Enquanto a viagem moderna a uma outridade histórica, geográfica e/ou experiencial forçava o herói a uma síntese do passado e um salto em sua formação, a deriva na ficção de Noll é alheia a esse tipo de dialética, materializando, de alguma maneira, a percepção de que “o estrangeiro não é nem uma raça nem uma nação. [...] Inquietante, o estranho está em nós: somos nós próprios estrangeiros – somos divididos.” (Kristeva, 1994: 190-191).

Logo, se, ao longo do século XX, a viagem funcionou como um “operador de cognição”, colocando em cena um narrador que se encontrava numa “posição exterior com relação ao objeto do seu olhar”, manifestando, dessa maneira, “sua curiosidade e seu desejo de empatia e, ao mesmo tempo, [...] seu ato representativo, mimético, para situar o sentido” – cuja interação com a alteridade se materializa “senão sob a forma de

uma troca, de uma reciprocidade de signos entre o que é estrangeiro e o que é familiar” (Krysinski: 23-24), no contemporâneo, a tomar como paradigmáticos os romances aqui analisados, a viagem parece sugerir muito mais uma dobra deste narrador-personagem sobre si mesmo.

Em *Lorde*, este escritor que parte de Porto Alegre como convidado de uma instituição britânica não leva nada consigo. É constante o questionamento do narrador sobre o que dizer aos ingleses. Parece que, para ele, no fundo, não há nada a ser dito. A própria viagem torna-se um processo de desaprendizagem. Segundo o narrador, “eles tinham chamado a seu país um homem que começava a esquecer” (2014: 18). Ele se questiona: como falar sobre o Brasil no estrangeiro se, para ele, “o Brasil naquelas alturas se insinuava em pura distração?” (18). É instigante, nesse sentido, o questionamento do escritor brasileiro quando se depara com determinado livro de imensa biblioteca lusitana localizada em uma sala de espera de um prédio centenário da instituição que o acolhe, nas primeiras horas de sua chegada a Londres. Chama-lhe a atenção um exemplar que aborda o tema do expansionismo marítimo português:

Numa das estantes havia um volume mastodôntico que eu quase nem consegui segurar com as mãos ainda meio trêmulas pelo peso das minhas malas. O título era *Expansionismo*. Pinçá-lo entre tantos assustava. Não sei se por referência ao tema ou o seu significado físico que parecia a cada momento se avantajaria mais. Não pude com seu peso, confesso. Devolvi-o com dificuldade ao seu lugar. E depois, de que me adiantaria bisbilhotar o expansionismo português, assunto morto, tendo eu que me preparar para uma tarefa que poderia me exigir muito além do que eu poderia oferecer? (NOLL, 2014: 17)

É interessante pensar a relação que parece ocorrer, no trecho, entre a o “volume mastodôntico” avistado na estante e as “malas” da personagem recém carregadas por ela. Ambos os objetos representam viagens, com significações e potências distintas em função da narrativa. Ora, o “volume mastodôntico” tem como título “Expansionismo”, aludindo às navegações portuguesas da era dos “descobrimentos”, as grandes viagens quinhentistas e seiscentistas que vieram a descortinar o restante do mundo aos europeus. Essas viagens são emblemáticas para a própria noção de “operador cognitivo”, afinal tais viagens, para muito além de uma ideia de conhecimento e aprendizagem numa esfera “pessoal”, elevaram essas ideias a uma esfera “social” de dimensões planetárias (inclusive, por meio de sua face colonial trágica). Já as pesadas malas do protagonista, cujo carregamento deixou suas mãos trêmulas, apontam para um campo estritamente íntimo e subjetivo, em oposição ao

caráter social do imenso livro. No entanto, embora tema incontornável da história humana, para o protagonista o expansionismo marítimo português é um “assunto morto”, para o qual não há força, nem tempo, a perder “bisbilhotando”: este escritor precisa se dedicar exclusivamente a uma tarefa, que praticamente desconhece, a ser exercida no país estrangeiro.

No encaixe dessa espécie de enigma, uma série de mutações ocorrem na personalidade (na identidade psíquica), e também no corpo, do protagonista, apontando-nos para uma espécie de performance operada nele, e por ele, que se consolida em substanciais passagens da obra, configurando-se, de certo modo, parte dessa missão enigmática articulada por um “inglês”, o homem anônimo que o recebe na capital britânica. O narrador-personagem confessa:

comprei o pó compacto num estojinho redondo. A vendedora me ajudou a encontrar o tom da minha pele. Ela parecia convicta de sua escolha. Procurei não me olhar no espelho sobre o balcão. [...] E me retirei guardando o pó compacto no bolso. Começava a querer escurecer e fui caminhando em direção ao que as setas indicavam como Trafalgar Square. Divisei de cara o prédio da National Gallery e pensei que ali que eu ia entrar. [...] Em vez de olhar os quadros [...] fui à procura de um banheiro. Fiz xixi. O vasto banheiro vazio. Na frente do espelho percebi não haver o que esperar. Tirei a caixinha do bolso, retirei o estojo, abri-o e passei a esponja lentamente pelas faces, testa. Se alguém me visse pensaria logo na performance de algum artista. [...] Sei que eu me maquiava à perfeição. Saí mais teso do que nunca. Ninguém mais me reconheceria, já que tinha feito uma reforma em cima de alguém que eu mesmo começava seriamente a estranhar. (Noll, 2004: 29-30)

Nessa passagem de *Lorde*, a utilização de um “pó compacto” pelo narrador-personagem em frente a um espelho do banheiro do grande museu na capital britânica é reveladora do movimento performático que caracteriza a ação da personagem dentro do romance, convertendo-a em um “novo” homem. Da mesma forma que lhe parecia inútil bisbilhotar o grande volume sobre o expansionismo português pinçado de uma estante a sua chegada de viagem ainda cansado com o peso das malas, “olhar os quadros” dentro da National Gallery também é ação que não lhe interessa: o personagem pinta a si mesmo, sobre si mesmo, na construção de um outro, potencializando o seu anonimato na metrópole desconhecida. Diante da sua constatação de que após se maquiar “à perfeição”, ninguém o reconheceria, questionamo-nos: mas antes, alguém o reconheceria? A “reforma” realizada sobre a face do escritor brasileiro por ele próprio acabara por modificar alguém – um outro – que ele mesmo já não reconhecia... Pedacos desse sujeito, metonimicamente urdidos

no texto, também, por meio de imagens escatológicas tais como a da urina expelida antes da performance diante do espelho, são aos poucos jogados fora, dando lugar a assimilação de novos nacos de subjetividade e de materialidade, até que, no fim do romance, já em Liverpool, o narrador se transfigura em George, o amante:

A primeira coisa que vi foi o sol rodeado de raios tatuado no meu braço. Abaixei a cabeça para não surpreender o resto. Murmurei: Mas era no meu braço esse sol ou no de George? O espelho confirmava, não adiantava mais adiar as coisas com indagações. Tudo já fora respondido. George não tinha fugido, estava aqui. Pois é. No espelho apenas um: ele. (2014: 123-124)

A tatuagem no braço é o primeiro sinal. Semelhante ao pó compacto diante do espelho do banheiro do museu, aqui uma outra “pintura”, a do sol no braço, desconstitui-o do que fora e o confirma, enfim, com o/um outro. A conjugação realizada entre o olhar lançado ao espelho e o olhar que o próprio espelho devolve simultaneamente ao sujeito que o contempla produz uma interessante fissura na identidade da personagem. O jogo entre eu/ele mediado pelo espelho aprofunda as incongruências jamais superadas entre o que fora e o que se tornara: impossível justapor as imagens que transitam entre realidade e virtualidade pelo/no jogo de olhares entre aquele está fora e aquele que está dentro da “moldura dourada coberta de relevos”. Por fim, a identidade essencialmente cindida deste homem que extraíra de seu íntimo o estrangeiro com o qual se confrontara se (des)ajusta num residual sotaque gaúcho enunciado por entre uma máscara bárbara celta. Lemos na penúltima página do romance:

Ah sós, mirei a nudez que cabia toda no cristal, cercada de uma moldura dourada coberta de relevos. Eu sou professor de língua portuguesa falei em português, claro, colado à margem refletido daquele corpo agora solitário, com o hálito de George que o espelho devolvia, mas o qual – ao contrário – me transmitia: sim a mim sílaba por sílaba... Eu sou professor de português, repeti o leve sotaque gaúcho, com a mesma disposição, a minha, só que em outra superfície, mais incisiva, oleosa, a melena espessa de bárbaro, a dele. (2014: 124)

Em *Berkeley em Bellagio*, o confronto operado entre a personagem e as mutações que se operarão sobre ele ao longo da narrativa, transformando-o, a exemplo do que ocorre em *Lorde*, em um “outro”, dar-se-á não por meio da imagem (a presença dos espelhos a produzir um constante jogo de imagens naquele romance), mas por uma questão de linguagem verbal, de língua, conformada no texto por duas

estratégias. A primeira delas diz respeito à oscilação do foco narrativo, perceptível nas primeiras páginas da obra. Ora, sabemos que o narrador predominante em João Gilberto Noll é aquele em primeira pessoa, que figura no narrado como protagonista, imprimindo suas memórias quase que imediatas à orquestração das ações que lhes dão substância. Em *Berkeley em Bellagio* a narrativa começa em terceira pessoa do singular: “Ele não falava inglês. Quando deu seu primeiro passeio pelo *campus* de Berkeley, viu não estar motivado. Saberá voltar atrás?” (Noll, 2002: 9). No entanto, ao longo das próximas trinta páginas, aproximadamente, é constante a alternância entre as terceira e primeira pessoas do singular (até a estabilização do foco em primeira pessoa), a exemplo do seguinte trecho:

Quando ele chegou os Estados Unidos, tinha menos de cem dólares. A chefe do Departamento de Espanhol e Português em Berkeley o esperava no aeroporto de São Francisco toda de preto, loira, sorrindo meio culpada por tantas atribulações que o consulado americano em São Paulo tinha me causado por não ser um cara de altas formações acadêmicas, por estar desempregado, sem endereço fixo, penso eu, por tudo isso relutaram –, duas, três vezes meu passaporte voltar a Porto Alegre sem o visto [...]. (Noll, 2002:16)

A conjuração entre um “eu” e um “outro” (um “ele”) – que, em *Lorde*, ocorre por meio da imagin(ação) do narrador-personagem sobreposta a de George, diante do espelho, tornando-se uno – vai aos poucos, ao longo deste outro romance, conciliando a voz exógena à narrativa e às peripécias de seu protagonista (voz essa que enuncia em terceira pessoa) e a voz endógena do narrador-personagem, em primeira pessoa. Tal narrador-personagem, nos trechos mencionados acima, além de elucidar essa peculiar construção narratológica, também dão pistas da condição social de penúria deste escritor que parte de Porto Alegre para o exterior, e da sua profunda inabilidade com o emprego da língua inglesa – ponto, esse, de partida para a segunda estratégia da qual decorrerá a “metamorfose” no texto.

Importante lembrar que, em *Berkeley em Bellagio*, o autor visitante que narra e protagoniza o romance, diferente daquele que o faz em *Lorde* – para quem o Brasil se configurava apenas como “um afresco na abóbada da mente” para o qual já “não tinha mais vista suficiente para enxergar” (Noll, 2014: p.30) – carrega consigo inúmeras referências de sua cultura de origem para compartilhar com seus parceiros na instituição norte-americana. No entanto, ele não o faz justamente porque o idioma inglês, língua franca entre todos os estrangeiros das mais diversas nacionalidades que

residem na Fundação que o acolhe em Bellagio, é-lhe inacessível. O personagem levava consigo os seus autores brasileiros prediletos: Clarice, Graciliano, Raduan, Caio... Levava também os filmes que habitavam o seu imaginário: *São Bernardo*, *A Hora da Estrela*, *O Padre e a Moça*, *Nunca Fomos Tão Felizes*... Mas, por conta de uma espécie de interdição linguística, muito pouco consegue falar sobre eles. Até que, repentinamente, ocorre uma espécie de abertura para o idioma estrangeiro, de modo que o protagonista pondera, mais ou menos a altura do meio do romance: “[...] o que importava de fato naquele instante era que eu já pensava em inglês, já não conseguia processar um pensamento que não fosse em inglês [...]” (Noll, 2002: 55). Assim, um novo homem surge, apto a interagir adequadamente na “catedral”, mas disposto a repelir os substratos afetivos resguardados pela memória de sua cultura, de sua cidade natal que se distancia, cada vez mais, desse homem em que se tornara.

Tirei algo do bolso, abri o papel amarelado: era uma foto que custei a identificar... Ali estava eu na tarde ensolarada, camisa aberta ao peito, em primeiro plano numa passeata contra a Alca no verão porto-alegrense, claro, durante o Fórum Social Mundial; eu segurando um cartaz que dizia “Não à Alca” – quem tinha tirado aquela foto, por que agora dentro do meu bolso? Só tinha uma coisa a fazer com ela: apertá-la, apertá-la o suficiente até torná-la uma coisinha ínfima. Assim fiz. E enfiei-a sem dor pelo cu. Ali ela ficaria enquanto eu não cagasse, enquanto eu não cagasse ela ficaria com a memória subterrânea de uma tarde de verão em Porto Alegre [...]. (Noll, 2002: 55-56)

O temor, quase profético, expresso pela personagem nas primeiras páginas do romance, o de “se extraviar de sua própria língua sem ter por consequência o que contar” (Noll, 2002: 20), parece se confirmar com a consolidação desse “novo” escritor, agora fluente numa língua que lhe era totalmente alheia, mas às custas da configuração de um novo imaginário cultural decalcado de suas experiências na periferia do capitalismo, de suas lutas – quase caricatas – anti-imperialistas. Expelida pela pressão das fezes (construção escatológica semelhante ao “xixi”, que em *Lorde* antecipa a performance decisiva do protagonista no banheiro da National Gallery; ou ao esperma de George, que lhe fecunda a radical metamorfose em que se encontrara ao acordar (como um Gregor Samsa capaz de transar com o inseto em que se tornara), a identidade e o pertencimento são expulsos do corpo: este novo “outro” que surge e que passa a habitar aquele velho “eu” necessita de espaço: esvaziavam-se os bolsos, esvazia-se o ânus... A planície porto-alegrense, a beira do Guaíba, num verão escaldante, dá lugar a uma cratera, vazia, na subterrânea memória.

Considerações finais

Constatamos, a despeito de certas nuances nos rumos das narrativas e nos “destinos” dos narradores-protagonistas, que ambos os romances desativam, na pós-modernidade, a função essencial da viagem moderna, a saber, a de “operador cognitivo”. A relação com a alteridade, confrontada no estrangeiro, exterior ao sujeito que parte, nas obras, do sul do Brasil em direção à América do Norte e (ou) à Europa – e as eventuais possibilidades de troca na (quase) inevitável dialética dos contatos – é relegada a um plano secundário, substantivando e problematizando a relação consigo mesmo. Estes dois romances de João Gilberto Noll materializam, enfim, no plano literário, a formulação teórica de Julia Kristeva, na qual especula-se que

o meu mal-estar em viver com o outro – a minha estranheza – repousa numa lógica perturbada que regula esse feixe estranho de pulsão e de linguagem, de natureza e de símbolo que é o inconsciente, sempre já formado pelo outro. É por desatar a transferência – dinâmica maior de alteridade, do amor/ódio pelo outro, da estranheza constitutiva do nosso psiquismo – que, a partir do outro, eu me reconcilio com a minha própria alteridade-estranheza, que jogo com ela e vivo com ela. (Kristeva, 1994: 190-191)

No romance *Lorde*, o protagonista encerra a narrativa de modo enigmático, tomando um táxi em direção ao “cemitério mais antigo da cidade” (2014: 126). Aludindo a uma imagem recorrente na obra nolliana, o narrador-protagonista cruza o cemitério rapidamente, pula o muro em ruínas e se embrenha numa espécie de “floresta encantada”, onde adormece. Deste feito onírico a personagem obtém a única “aprendizagem” possível depois de suas mutações múltiplas: “aceitar” – aceitar a sua irrefutável deriva. Já no romance *Berkeley em Bellagio*, a personagem retorna a Porto Alegre, mas agora a cidade já é outra. A nova Porto Alegre é representada, na obra, como um espaço de multiculturalismo alternativo, estabelecendo um contraste com o vilarejo de Bellagio: “Porto Alegre, extremo sul do Brasil, cidade que costuma sediar o fórum social mundial e que passará a ouvir mais e mais línguas: afegãos, palestinos, hindus, africanos [...]” (2002: 89). A cidade parece estar aberta para os estrangeiros de países também à margem, disposta a “acolhê-los nessa aflitiva estranheza que é igualmente a deles e a nossa” (2002: 92).

Mesmo retornando a sua cidade natal, o escritor que partira em viagem não deixa de se identificar como um forasteiro. Estranho àquele lugar, àquela língua, àquela gente, ele não se furta de pedir informação sobre algum curso de português – aquela que é, ou que fora, sua língua materna. Hospeda-se num hotel, pois esquecera o endereço da sua casa. São circunstâncias como estas que nos permitem afirmar que a experiência dos protagonistas no exterior pode ser lida como um exercício de assunção da condição da estranheza, constituinte do próprio sujeito, consolidada, agora, num eventual retorno à (incompreendida) origem. O questionamento acerca de “como poderíamos tolerar o estrangeiro se não nos soubermos estrangeiros para nós mesmos?” (Kristeva, 1994: 191) ganha uma formulação literária quase que extrema nas narrativas do autor gaúcho, de modo que é possível, enfim, concluir que, tanto em *Berkeley em Bellagio* quanto em *Lorde*, a língua, o corpo, a casa e a cultura não garantem uma identidade estável, sendo elementos tão precários que há, inclusive, o risco de não serem reconhecidos, mesmo quando (re)encontrados.

TRABALHOS CITADOS

BARTHES, Roland. *Aula*: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, no dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

COSTA E SILVA, Bruno da. *Figurações do estrangeiro em Berkeley em Bellagio e Lorde, de João Gilberto Noll*. Dissertação (Mestrado em Letras/Literatura brasileira) – PPG Letras/UFMG. Belo Horizonte, 2011.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiro para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KRYSINSKI, Wladimir. Discurso de viagem e senso de alteridade. *Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, v.17, n.34, p.21-43, 2003.

NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NOLL, João Gilberto. *Lorde*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem*: poética da geografia. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SCHØLHAMMER, Karl Erick. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

VIDAL, Paloma. A escrita performática de João Gilberto Noll. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*. São Paulo, v.1 n.10/11, p.300-311, 2010. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/teresa/issue/view/8766>

Kim Amaral Bueno é Doutor em Letras/Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul). Leciona Literatura, Língua Portuguesa e Produção de Texto e se dedica a pesquisar as relações intertextuais e interdisciplinares na literatura contemporânea, principalmente em língua portuguesa, bem como a sua interseção com o ensino. Possui trabalhos publicados em diversos periódicos, anais e livros. E-mail: <*kimamaralb@gmail.com*>.

Artigo recebido em 25/04/2020. Aprovado em 03/05/2020.